

CONVERSANDO SOBRE AS QUESTÕES DE MÉTODO PARA A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

KEIFER FORTUNATTI¹

ISABEL MARIA SABINO DE FARIAS¹

¹ Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza/CE, Brasil.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Os desafios inerentes à construção do conhecimento e do olhar metodológico de uma pesquisa em educação são analisados na obra “Questões de método na construção da pesquisa em educação”, publicado pela Editora Cortez, em sua 2ª edição, sendo o livro integrante da coleção Docência em Formação, da série Saberes Pedagógicos e Formação Docente.

Apesar de ser um livro publicado há mais de dez anos (em 2011, para ser mais exato) seu conteúdo aborda discussões e reflexões basilares para a formação do pesquisador em educação na medida em que apresenta um olhar pedagógico sobre a epistemologia do conhecimento e um olhar filosófico sobre a práxis investigativa, fruto da interação de dois profissionais com diferentes formações acadêmicas, porém complementares. A robustez das discussões tecidas na obra e a sua importância para a constituição do profissional em educação, tornam imprescindível a reedição do livro.

Evandro Ghedin é filósofo e professor titular-livre da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Maria Amélia Santoro Franco é pedagoga, professora titular e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). Em suas trajetórias profissionais, ambos possuem várias publicações sobre pedagogia crítica, didática, formação docente, epistemologia da pesquisa em educação, pesquisa-ação, entre outros temas.

O livro está organizado em seis capítulos e sua proposta é apresentar reflexões a pesquisadores iniciantes e experientes sobre os processos investigativos que tornam possíveis e cientificamente válidos os conhecimentos advindos da área educacional. Para tanto, os autores propõem a retomada das análises sobre o modo de operar do conhecimento. Nesse sentido, o método emerge como um pretexto para se repensar as teorias educacionais que guiam o processo metodológico das pesquisas em educação. Tal postura estabelece importantes colaborações para os pesquisadores em educação por abordar a necessidade de se conhecer as raízes ontológicas, epistêmicas e metodológicas dos diferentes paradigmas de pesquisa.

No primeiro capítulo, intitulado “Novos sentidos para a ciência”, os autores tecem críticas sobre o modelo tradicional de ciência que impregnou as ciências humanas e estabeleceu a clara divisão entre sujeito e objeto, a crença da neutralidade, a busca pela objetividade e as relações causais previsíveis. As reflexões baseiam-se na proposta de uma epistemologia da ciência contemporânea que é complexa, integrativa e política e que deve levar em conta a relação dialética entre sujeito e objeto. Nesse contexto, a ciência emergiria como um instrumento político de transformação do mundo e das pessoas e sua validade estaria diretamente ligada a esse processo emancipatório. Essa atitude denota a preocupação dos autores em dar um sentido amplo ao conceito de ciência, estabelecendo as implicações políticas que o pesquisador assume ao empreender uma investigação científica e o seu compromisso em produzir uma ciência que esteja diretamente ligada à transformação social.

As contribuições advindas das metodologias qualitativas nas pesquisas em educação também são tratadas pelos autores que reconhecem o impacto que esses estudos tiveram na ampliação das dimensões do objeto de estudo. Com isso, o professor ganha papel de destaque e passa a ser tratado como sujeito, do ponto de vista em que a realidade também passa a ser observada sob a perspectiva docente, buscando seus significados, representações e subjetividades. Outro aspecto destacado é a emergência do cotidiano das práticas educativas como espaço significativo de interação entre sujeito e objeto. Além disso, a realidade social passa a ser dotada de sentido, com suas múltiplas significações e representações, dando espaço para o emergir de questões relativas à identidade, à emancipação e à autonomia.

No segundo capítulo, intitulado “A construção do olhar do pesquisador”, o leitor é convidado a refletir sobre a forma pela qual o pesquisador enxerga o mundo e sobre a necessidade de educar o seu olhar, para que possa captar as múltiplas representações do mundo e da cultura. Ghedin e Franco (2011) argumentam que é necessário que o investigador aprenda a penetrar no real para que possa compreendê-lo em sua radicalidade ontológica, epistêmica e metodológica. Tal advertência torna-se fundamental para os pesquisadores, sejam eles iniciantes ou experientes, por apresentar a importância da coerência paradigmática nas investigações científicas e as implicações decorrentes do não cumprimento dessa premissa.

No mesmo capítulo, os autores apresentam a hermenêutica como um método ou paradigma que se classifica como universal, na medida em que se define como uma proposta de compreensão totalizante que pode dialogar com outros paradigmas e colaborar para a obtenção de respostas às questões por eles levantadas. Também são tecidas reflexões sobre a relação entre sujeito e objeto nas ciências humanas, as quais não se dão de maneira distanciada, mas de forma interligada, possibilitando a imbricação entre singularidade e sistematicidade.

O terceiro capítulo, intitulado “A reflexão como fundamento do processo investigativo”, apresenta ao leitor o desafio da pesquisa em educação, por ser um objeto complexo e carregado de valores, intencionalidades e subjetividades. Tais características exigem do pesquisador o estabelecimento de recortes, prioridades e valores que, inevitavelmente, conferirão um caráter político à pesquisa e datado, histórico e provisório aos seus achados.

Nesse sentido, Ghedin e Franco (2011) apresentam a metodologia como um processo que organiza cientificamente toda a ação reflexiva do pesquisador por meio de um quadro de referências que decorrem de atitudes, crenças e valores que se manifestam como concepções de mundo, de vida e de conhecimento. O método torna-se o fio condutor

para os autores problematizarem essas discussões e apresentarem os desdobramentos das escolhas metodológicas. Partindo dessas premissas, os modelos objetivista, subjetivista e dialético são apresentados ao leitor, com suas respectivas características, limites e desafios. Ao final do capítulo, é salientada a importância da coerência epistemológica durante a ação investigativa, de modo que o pesquisador possa assumir livremente a perspectiva epistemológica, os pressupostos e as convicções, compreendendo o conhecimento como uma fusão entre sujeito e objeto.

O quarto capítulo, intitulado “Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa em educação em uma perspectiva hermenêutica”, estabelece que a reflexão que não se converte em uma ação política transformadora da própria prática, não tem sentido na pesquisa em educação. Segundo os autores, o conhecimento adquire sentido na medida em que toca a existência do sujeito e o ato de conhecer implica uma ação política assentada em um compromisso ético-político com a sociedade.

Com essa perspectiva, Ghedin e Franco (2011) partem da premissa que o real é uma revelação e nunca um dado, também afirmam que a pesquisa se traduz em uma tripla relação entre texto, contexto e pessoas, estabelecendo sujeito e objeto como condição e não como relação. No que tange à hermenêutica, essa ciência é definida como o esforço do ser humano para assimilar a própria maneira pela qual compreende as coisas, na medida em que busca recolher o sentido do discurso.

No quinto capítulo, intitulado “A etnografia como paradigma de construção do processo de conhecimento em educação”, os autores apresentam a pesquisa etnográfica como uma abordagem em que o pesquisador se aproxima da realidade por intermédio da observação participante para descrevê-la, com o objetivo de analisar os seus significados dentro da dinâmica cultural experimentada. Com isso, o pesquisador busca a compreensão da totalidade por meio de uma realidade particular e específica. No que tange à educação, o investigador redescobre o problema na pesquisa de campo e não antes dela, o que possibilita a compreensão e interpretação dos fenômenos educativos no próprio contexto escolar.

No sexto capítulo, intitulado “A pedagogia da pesquisa-ação”, os autores constatarem que há um mosaico de abordagens metodológicas que são utilizadas na práxis investigativa e que, muitas vezes, não fazem a necessária explicitação de seus fundamentos teóricos. A partir disso, o leitor é convidado a refletir sobre a seguinte pergunta: de que pesquisa se está falando ao referir-se à pesquisa-ação? Partindo desse questionamento, Ghedin e Franco (2011) identificam a pesquisa-ação como uma modalidade de pesquisa de caráter formativo, tendo em vista que possibilita que o sujeito tome consciência das mudanças e transformações que vão ocorrendo em si e no processo, caracterizando-se como uma metodologia formativo-emancipatória.

Em síntese, Ghedin e Franco (2011) propõem-se a problematizar o percurso metodológico de uma pesquisa científica, partindo do pressuposto de que toda pesquisa possui, inicialmente, apenas uma intencionalidade metodológica. Com isso, seu método só poderá ser analisado ao final da investigação. Nesse longo caminho entre os primeiros passos da pesquisa e sua finalização há um sujeito histórico, o pesquisador. Sujeito esse que organiza o seu pensamento por meio de dúvidas e reflexões, e que também se descobre e se redescobre durante a interação com o objeto de estudo.

Nessa perspectiva, os autores afirmam que o movimento do pesquisador em direção à construção do conhecimento se caracteriza por um movimento de construção de si mesmo e de seu contexto, possibilitando um conhecimento produzido de forma circular e não linear, colaborando para um novo modo de se fazer ciência.

A partir do exposto, considera-se a obra fundamental para pesquisadores em educação, por fornecer uma análise reflexiva, movida por uma epistemologia apoiada em elementos da dialética, hermenêutica e fenomenologia. Além disso, a construção do conhecimento é problematizada mediante uma relação dialógica entre pesquisador e pesquisado, em uma perspectiva do saber enquanto elemento de transformação e emancipação.

DADOS DOS AUTORES

KEIFER FORTUNATTI

Professor da rede municipal de ensino de Fortaleza-CE e da rede estadual de ensino do estado do Ceará. É mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará e doutorando em Educação pelo mesmo programa. E-mail: prof.keifer@gmail.com

ISABEL MARIA SABINO DE FARIAS

Professora da Universidade Estadual do Ceará-UECE. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE/UECE. Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (EDUCAS). E-mail: isabelinhasabino@yahoo.com.br

Submetido em: 05-07-2022

Aprovado em: 18-08-2022